Dia 28 — São Gregório III, Papa

Martirológio Romano

São Rufo, em Roma, ao qual com toda a sua família fez martirizar Diocleciano (no ano 303).

A ditosa morte de São Sóstenes, discípulo de São Paulo, em Corinto, de quem o mesmo Apóstolo faz memória escrevendo aos Coríntios (chamando-o irmão, 1Cor 1,1). Sendo Sóstenes príncipe da Sinagoga, converteu-se a Jesus Cristo, por cuja causa foi cruelmente açoitado (pelos mesmos judeus) em presença do procônsul Galião (sem que este fizesse caso disso), consagrando com um princípio tão assinalado as primícias de sua fé. (At 18,17.)

Os santos mártires Papiniano e Mansueto, bispos, na África; os quais, na perseguição dos vândalos, por mandato de Genserico, rei ariano, foram abrasados com planchas de ferro acesas em defesa da fé católica, alcançando por este meio a coroa de seu glorioso martírio. Neste mesmo tempo outros santos bispos, a saber: Valeriano, Urbano, Crescente, Eustáquio, Crescônio, Crescenciano, Félix, Ortolano e Florenciano, tendo sido desterrados e perseguidos pelos mesmos motivos, acabaram gloriosamente o curso de sua vida.

Os santos mártires Estêvão o Moço, Basílio, Pedro, André e outros trezentos e trinta e nove companheiros monges, em Constantinopla; os quais, no tempo de Constantino Coprônimo, em defesa do culto das Santas imagens, foram atormentados com vários suplícios, confirmando com seu sangue a verdade católica. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Gregório III, papa, em Roma; o qual, esclarecido por seus méritos e santa vida, voou ao céu. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

A ditosa morte de São Jacó (ou Santiago) da Marca, confessor, da Ordem dos Menores, em Nápoles; esclarecido pela austeridade de sua vida, por sua pregação apostólica e pelas muitas legacias a que foi enviado por causa da Religião: foi canonizado pelo papa Bento XIV. (No espaço de quarenta anos seguidos não deixou um só dia de pregar a palavra de Deus, ou ao povo ou a seus irmãos religiosos; e eram tão veementes e eficazes suas exortações que com um sermão que pregou em Milão converteu a uma vida austera e penitente trinta e seis rameiras públicas. Recusou o bispado de Milão, mas admitiu as funções de missionário naquela cidade. Operou vários milagres em Veneza e em outros lugares e curou enfermidades perigosas ao duque da Calábria e ao rei de

Nápoles. Passou ao Senhor no ano de 1476, aos noventa de sua idade, tendo empregado setenta no estado monástico: suas relíquias estão depositadas numa rica capela de seu nome na igreja intitulada de Nossa Senhora a Nova, em Nápoles.)

São Gregório III, Papa

São Gregório, terceiro deste nome, um dos mais dignos sucessores de São Pedro e um dos Papas mais valorosos em opor-se com fortaleza apostólica a todas as novidades que têm perturbado a paz da Igreja, foi sírio de nação, segundo a opinião mais recebida, criado por João, seu pai, no sólido princípio do santo temor de Deus e educado em Roma em toda classe de literatura. Como o Senhor o havia prevenido com suas mais doces bênçãos e se achava dotado de um engenho sobressalente, acompanhados estes princípios de um amor particularíssimo às letras, fez maravilhosos progressos tanto na virtude como nas ciências; e, igualmente hábil nas línguas orientais como na latina e perfeitamente versado e inteligente nas santas Escrituras, deixou-se ver o jovem mais cabal de seu século. Promovido Gregório às ordens sagradas, era o ornamento de todo o clero de Roma, no qual se distinguia notavelmente por sua santidade de vida, pela pureza de seus costumes, por sua eminente piedade e por sua grande sabedoria, correspondendo a justificação de sua conduta em todas as épocas aos nobres princípios de sua educação e à consagração de seu estado.

Vagou a Sé apostólica por morte de Gregório II, que sucedeu no mês de janeiro do ano 731. Tinha necessidade então a Igreja de um Pastor magnânimo e brioso, de um Papa santo e sábio e de uma cabeça visível capaz de opor-se às execráveis violências que perturbavam a paz do rebanho de Jesus Cristo; e, como em Gregório concorriam todos estes requisitos, por aclamação comum de todo o clero e povo de Roma se fez a eleição nele, achando-se muito distante por sua profunda humildade de apetecer honoríficos empregos. Consagrado na quinta-feira 22 de fevereiro do ano expressado, dia da Cátedra de São Pedro, desde o momento em que se sentou na Sé apostólica acreditou com provas práticas o acerto de sua eleição e satisfez com elas o alto conceito que de sua eminente virtude e de sua grande sabedoria tinha formado a Igreja de Roma. As primeiras atenções dos desvelos do santo Pontífice se dirigiram a conservar a pureza da fé católica, a socorrer todas as necessidades da Igreja, à reforma do clero, a desterrar os abusos e a fazer que florescesse a justificação dos costumes de seu povo. Ele se empenhou com infatigável zelo na instrução dos fiéis, repartindo-lhes o pão da palavra divina, e em trabalhar de contínuo para manter a doutrina ortodoxa contra a torrente dos vícios e os esforços da heresia. Ele demonstrou sempre grande desinteresse e muito amor à pobreza, distribuindo entre os necessitados todas as suas faculdades sem alguma reserva. A mesma conduta usava com os cativos e prisioneiros, satisfazendo o resgate daqueles e as dívidas destes com uma caridade imensa, olhando sempre com uma compaixão terna as viúvas, os pupilos e os órfãos, merecendo-se o renome de pai de todos os necessitados por seus piedosos feitos.

Ainda que bastava a justificação de sua conduta e a exatidão de sua vigilância pastoral em cumprir todos os deveres de seu alto ministério para realçar seu mérito, com tudo isso o que o fez mais célebre em todo o orbe cristão foi a valorosa teima com que empenhou toda a sua autoridade e

toda a sua reputação para tranquilizar as inquietações que perturbavam a paz da Igreja; não sendo fácil explicar o ardor e o zelo verdadeiramente apostólico com que se aplicou a sufocar todas as perniciosas novidades que se suscitaram no Oriente.

Leão o Isáurico, que desde uma miserável extração havia chegado a ser general do império e a ocupar o trono do Oriente pelos anos 717, sustentava, à custa de imensas crueldades, o erro dos hereges iconoclastas que negavam o culto às santas imagens. Para dar uma prova nada equívoca do empenho que tinha em proteger tão perverso pensamento, não contente com o sangue que fazia derramar em seus vassalos ortodoxos, não podendo atrair a seu partido as pessoas doutas encarregadas de sua real biblioteca, mandou encerrá-las naquela peça magnífica e, mandando pôr-lhe fogo, reduziu a cinzas os homens mais sábios daquela época, o insigne monetário recolhido a toda custa, inumeráveis pinturas e mais de trinta mil volumes da mais preciosa antiguidade.

Gregório, que soube esta execrável barbaridade e a quem constavam as turbulências que cada dia causava o furor do Isáurico no Oriente, tratou de remediar o dano, que creu continuaria daqui em diante com maiores excessos, a cujo fim lhe escreveu com valor e fortaleza apostólica nos termos seguintes: «Quem vos obriga, sereníssimo Imperador, a voltar atrás depois de haver marchado com tão justos passos nos primeiros anos de vosso reinado? Dizeis agora que é uma idolatria honrar as imagens: haveis mandado arruinar seu culto sem temor do juízo de Deus, que castigará algum dia os autores de tal escândalo. Por que não haveis consultado homens instruídos, piedosos e sábios? Devemos olhar-vos como a um homem sem literatura, grosseiro e ignorante; e por esta razão nos cremos na precisão de falar-vos com força, mas com verdade. Deixai vossa obstinada presunção e escutai-nos com humildade. As decisões da Igreja não pertencem aos Imperadores, mas aos Bispos; os quais, assim como estabelecidos para isso não se mesclam nos negócios temporais, tampouco os Imperadores deverão mesclar-se nos eclesiásticos, mas contentar-se em dispor daqueles que lhes estão confiados. Escrevestes-nos sobre juntar um concílio ecumênico; mas não o julgamos a propósito. Vós mesmo, que sois o autor da alteração e da inquietude, contende-vos, e todo o mundo estará em paz. Tranquilizadas estavam as igrejas quando acendestes o fogo da divisão.»

Para levar esta carta a Leão, o santo Pontífice deputou um presbítero chamado Gregório, o qual, sabendo que estava concebida com um vigor extraordinário, não se atreveu a apresentá-la; cuja timidez foi causa de que a seu regresso a Roma o Papa tratasse de degradá-lo; bem que, temperado seu justo enojo pelos prelados do Concílio que congregou em Roma para deliberar no assunto, lhe impuseram as correspondentes penitências, voltando a enviá-lo a Constantinopla no ano seguinte, que era o de 732, com a mesma carta e outra não menos forte e com a determinação do Concílio contra os hereges iconoclastas. Vendo o Imperador pela leitura daqueles documentos o que o Papa e o sínodo de Roma haviam feito para manter a honra e culto das santas imagens, crendo que nisto se lhe fazia a maior injúria, mandou prender o legado, ao qual fez sofrer muitas injúrias e maus-tratos numa dura prisão, renovando desde então com maior violência que antes a perseguição contra os ortodoxos; com o que não satisfeito resolveu enviar à Sicília um exército para apoderar-se dos bens que tinha ali a Igreja de Roma e causar outras violências; bem que a armada que equipou para esta expedição naufragou no mar Adriático.

Não se acovardou o valor do santo Pontífice à vista de semelhantes violências nem das que o Imperador ameaçava fazer daqui em diante; antes bem, em contraposição de sua loucura, ocupava em Roma os mais destros pintores e escultores em fomentar as pinturas e estátuas com que adornava as igrejas e capelas a fim de manter de todos os modos a honra devida às santas imagens. Também juntou um novo concílio, no qual assistiram noventa e três prelados da primeira e segunda ordem, todo o clero, cônsules e nobreza romana; e em presença de todo o povo, que foi testemunha de quanto se determinou naquela célebre assembleia, fulminou-se excomunhão contra todos os que destruíam, impugnavam ou manifestavam irreverente menosprezo às santas imagens. Sobre o que se formou uma constituição à parte, a qual enviou Gregório ao Imperador por meio de Constantino, defensor ou diretor das rendas de Roma, a fim de atraí-lo a verdadeiro conhecimento. Mas o ímpio Príncipe esteve tão alheio de reconhecer seu erro que deu ordem de reduzir o legado a uma estreita prisão na Sicília, na qual permaneceu cerca de um ano. Não se intimidou o espírito do santo Papa com este desgraçado sucesso, pois, revestido com aquela fortaleza que constitui o caráter dos verdadeiros sucessores de São Pedro, resolveu opor até o fim todo o poder apostólico ao de um imperador que abusava do seu indignamente; para o qual no ano seguinte enviou um novo legado, que foi Pedro, também defensor das rendas de Roma, o qual não foi tratado mais favoravelmente que seus predecessores. E, querendo ademais o valoroso Papa testificar o respeito que tinha às santas imagens, juntou quantas pôde haver e fez construir uma famosa capela na igreja de São Pedro, onde as colocou primorosamente, estabelecendo ali uma festa geral em honra do Salvador, da santíssima Virgem, dos Apóstolos, Mártires, Confessores e Virgens.

Não foram sós os inimigos do Oriente os que exercitaram a virtude e o sofrimento do santo Pontífice. Fatigado em reparar aquelas execráveis violências, viu-se reduzido com o povo romano a fatais extremidades quando Luitprando, rei dos longobardos, perseguindo Transamundo, duque de Espoleto, que se havia refugiado em Roma, sitiou a cidade e saqueou a grande igreja de São Pedro com outros templos. Ainda que em iguais casos os Papas costumavam valer-se do auxílio dos imperadores do Oriente, por não comunicar Gregório com um excomungado nem ver-se na precisão de condescender com o ímpio empenho de Leão, recorreu a Carlos Martel, então regente do reino de França, ao qual deputou uma honrosa legacia e escreveu muito respeitosas cartas, dando-lhe o título de Cristianíssimo, do que se têm servido depois os reis de França, enviando-lhe as chaves do sepulcro de São Pedro; por cuja insígnia, que concedem os Papas aos soberanos católicos, os criam camareiros do Príncipe dos Apóstolos e defensores da Igreja: estreitando-o por todos estes meios a que o assistisse na urgente necessidade com toda prontidão. Carlos Martel teve alguma dificuldade em romper com os longobardos, que eram aliados da coroa de França, os quais o haviam servido utilmente em suas expedições contra os sarracenos; mas contudo, movido das sábias, zelosas e nervosas instâncias de Gregório, resolveu-se a satisfazer suas súplicas e livrar Roma da opressão.

Acabou por aquele tempo infelizmente seus dias o imperador Leão e lhe sucedeu no trono seu filho Constantino, chamado Coprônimo porque, quando se batizou, inficionou com a imundície de seu corpo a pia batismal; dito também Cavalino, porque costumava frequentemente cobrir seu corpo com o esterco dos cavalos. Fez este muito excesso a seu pai nas impiedades e sobretudo no ódio contra as santas imagens, e Gregório teve que batalhar de novo contra ele, vendo-se por último na precisão de separá-lo do grêmio da Igreja à vista de sua incorrigibilidade e cruéis atentados.

Em meio da universalidade destes cuidados achou o santo Pontífice tempo para atender aos mais úteis estabelecimentos; e não lhe faltaram fundos para construir, reedificar e enriquecer muitos templos, prova grande de um coração dilatado e de uma piedade eminente. Consultado por São Bonifácio, apóstolo da Alemanha, sobre vários pontos, deu-lhe em suas respostas os mais sábios e prudentes regulamentos para manter a fé e para conservar a disciplina eclesiástica nas províncias de mais além do Reno. Também fez novos estabelecimentos de bispados e igrejas na Alemanha e autorizou quanto havia executado São Bonifácio. Assim mesmo renovou algumas santas cerimônias instituídas por São Gregório Magno que estavam abolidas: proibiu que se celebrasse o santo sacrifício do altar pelas almas dos hereges; e ordenou que do patriarcado se provessem luzes e demais necessário para as missas que se dissessem nos cemitérios dos Mártires nos dias de suas festividades.

Finalmente, debilitada sua saúde à força de seus contínuos trabalhos, quis Deus premiar seus grandes merecimentos, levando-o para si no dia 28 de novembro do ano 741, depois de haver governado a nave da Igreja dez anos e cerca de nove meses. Seu corpo foi sepultado no Vaticano e sobre seu sepulcro se lavrou daqui em diante uma abóbada pintada à moda de mosaico. Conservam-se sete cartas deste insigne Papa; mas a coleção de vinte e três cânones em forma de pontifical, tirados dos Padres antigos e concílios sobre vários pecados e seus remédios, que se têm publicado sob seu nome, a estimam alguns críticos por obra de mão mais recente.

Santo Estêvão o Moço, Solitário e Mártir

Nasceu Estêvão em Constantinopla, imperando Anastásio II, chamado Artêmio; e, ainda que seus pais foram bastante ricos, faltava-lhes muito para que seu cabedal chegasse aonde queriam que chegassem suas esmolas, sendo maior seu coração que suas faculdades. Logo que o menino Estêvão chegou a idade proporcionada, dedicou-se ao estudo com extraordinária aplicação; mas com tanta especialidade ao da sagrada Escritura que a decorou perfeitamente, excusando outro livro que o de sua felicíssima e fidelíssima memória. Entre as obras dos santos Padres, as que mais lhe levavam a inclinação eram as de São João Crisóstomo; e, ainda que seus progressos nas letras eram grandes, iam muito adiante deles os que fazia na virtude. Ouvia a palavra de Deus com aquele gosto espiritual que abre o caminho à inteligência das verdades eternas; desprezava com generosidade cristã as grandezas deste mundo, tão vãs como caducas, pensando só em merecer as eternas, fruto precioso que só o produz a inocência da vida. Assim se ia formando o jovem Estêvão na virtude e nas letras, enquanto o imperador Leão, por sobrenome Isáurico, ia amadurecendo o sacrílego intento de declarar guerra às imagens de Deus e dos Santos. Deu princípio a ela pela violenta deposição do patriarca São Germano, com cujo motivo muitos católicos abandonaram a cidade e se retiraram a diferentes províncias para abrigar-se contra a borrasca que já começava a encrespar-se: tormenta que nem por isso intimidou os piedosos pais de Estêvão para que o consagrassem a Deus no mosteiro do Monte Auxêncio, chamado assim por haver sido

Santo Auxêncio o primeiro que o habitou. Era quinto abade, depois do santo Fundador, o bem-aventurado João, que, vendo, observando e ouvindo falar nosso Estêvão, descobriu os altos desígnios da divina Providência acerca daquele mancebo e, recebendo-o no número de seus discípulos, cortou-lhe o cabelo e deu-lhe o hábito de monge, ainda que não havia completado dezesseis anos. Abraçou o novo gênero de vida com incrível fervor, distinguindo-se tanto no exercício de todas as virtudes que, morto o abade, todos os monges obrigaram Estêvão (ainda que de somente trinta anos de idade) a encarregar-se de seu governo. O mosteiro que se encomendava a sua direção se reduzia a certo número de celinhas ou de choças esparzidas aqui e ali por várias partes do monte, em cuja eminência se deixava ver uma estreita gruta que dominava as demais, e esta escolheu Estêvão para sua habitação. Desde ela velava sobre todos os demais solitários e desde a mesma, como mais imediata ao céu, tomava voo sua alma para elevar-se mais facilmente até Deus por meio da contemplação. Juntava o trabalho de mãos com a oração, umas vezes fabricando redes e outras copiando livros, porque tinha excelente pena. Mas sua inclinação a maior solidão e o desejo de fazer vida mais penitente e mais austera o obrigaram a renunciar em Martinho a superioridade e a abadia. Retirou-se, pois, e foi encerrar-se numa celinha muito mais estreita que sua gruta: tinha somente dois côvados de comprimento e meio de largura; mas tão baixa que só podia estar nela encurvado, e a metade inteiramente à inclemência; de maneira que no rigor do estio estava exposto aos ardores do sol e no inverno a todos os rigores do gelo e da neve. Seu vestido eram umas pobres peles de carneiro cingidas ao corpo com uma cadeia de ferro: assombrosas penitências que se podiam chamar como ensaio do martírio a que o céu o tinha destinado. Muito alheios seus discípulos da secreta fuga que havia feito, ficaram extraordinariamente surpreendidos quando não o acharam em sua costumada gruta. Buscaram-no solícitos por todas as partes e, enfim, tendo dado com ele na nova habitação, disseram-lhe com lágrimas nos olhos: «Pois quê, pai, queres tirar-te a vida com uma austeridade tão fora da ordem comum? Queres deixar-nos órfãos por antecipar-te a morte?» — «Não sabeis, filhos (respondeu-lhes o servo de Deus), que o caminho do céu é estreito?» A isto não se atreveram a replicar-lhe; mas lhe suplicaram que ao menos cobrisse aquela nova celinha, de modo que tivesse alguma tal qual defesa contra o rigor dos temporais. «Não é mister», repôs o Santo; «o céu me serve de teto e excuso outro reparo.» Ia-se acendendo entretanto o fogo da perseguição contra todos os que defendiam o culto das sagradas imagens. O imperador Constantino Coprônimo, tão aborrecido do mundo por sua dissolução como por sua crueldade, dirigiu principalmente seu furor contra os monges, parecendo-lhe, e não se enganava, que eram os que faziam mais generosa resistência a seus ímpios e sacrílegos decretos; mas entre os monges dois com especialidade eram o objeto de sua cólera, resoluto a pervertê-los ou exterminá-los do mundo quando não os pudesse reduzir. Estes foram Santo André Calibita e nosso glorioso Estêvão. Foi sua primeira diligência despachar-lhe um senador chamado Calisto, para que o reduzisse a seu partido; mas perdeu o tempo e as palavras o senhor senador. Irritado Constantino, voltou a despachar o mesmo com uma partida de soldados e com ordem de arrancá-lo de sua celinha e pô-lo preso no mosteiro que estava ao pé da montanha. Executou-se a ordem com inumanidade; mas se manteve invencível a constância de Estêvão. Lançou-se depois mão da calúnia, imputando-lhe delitos que não havia cometido. Nada se adiantou com este meio, porque triunfou de tudo sua tolerância e sua inocência. Enviou o Imperador alguns bispos para que disputassem com o Santo; mas ele os convenceu e os confundiu com a solidez de suas razões: depois, levantando os olhos e as mãos ao céu com um profundo suspiro que arrancou do coração, exclamou desta maneira: «Qualquer que não honre a imagem de

Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto homem, seja anatematizado e entre no número dos que gritaram em outro tempo: Tira a vida a este homem, crucifica-o, crucifica-o.» Ficaram atônitos os prelados à vista da liberdade do servo de Deus: restituíram-se à corte envergonhados e confusos; e, perguntando-lhes o Imperador o êxito da disputa, Calisto, que a havia presenciado, respondeu: «Todos fomos vencidos, Senhor, todos fomos vencidos. A doutrina deste homem é verdadeiramente profunda: não há resistência a seu argumento: sua virtude é incomparável; mas sua intrepidez excede toda ponderação: zomba das ameaças e faz desprezo da mesma morte.» Desterrou-o o Imperador ao Proconeso, uma das ilhas do Helesponto, onde ilustrou Deus seu desterro com muitos milagres. Chamou-se-o do desterro e foi encerrado numa escura prisão. Ao cabo de alguns dias fez Constantino que o trouxessem a um sítio chamado Faro, onde se achava então, e ali o tratou com a maior indignidade; mas o Santo, sem perder um ponto de sua ordinária mansidão, lhe provou o culto das sagradas imagens com tão sólidas razões que não tiveram que replicar-lhe. Por fim, para confundir o Imperador com um argumento palpável, tirou uma moeda de ouro que para este intento levava prevenida, na qual estava gravada a imagem do mesmo Príncipe e, mostrando-lha, como Cristo em outra ocasião aos judeus, lhe perguntou: «De quem é esta imagem?» — «De quem há de ser senão do Imperador?», respondeu Coprônimo com desabrimento, ofendido da liberdade e da pergunta. — «Bem», replicou o Santo. «E, se alguém a arrojasse ao solo com desprezo; se a pusesse debaixo de seus pés e a pisasse, dar-se-lhe-ia algum castigo?» — «Sem dúvida», responderam todos os presentes. Suspirou então o servo de Deus e, com o coração penetrado de dor, exclamou desta maneira: «Oh deplorável cegueira! Vós dizeis que merece castigo qualquer que trata com desprezo, arroja ao solo e pisa a imagem do Imperador, sendo assim que não é mais que um homem mortal; pois que castigo merecerão os que pisam, atropelam e arrojam ao fogo as imagens do Filho de Deus e de sua santíssima Mãe?» O Imperador mandou que o voltassem ao cárcere. Logo que Estêvão entrou na prisão, entendeu por certa interior luz do Espírito Santo que ali acabaria seus dias. Encontrou nela trezentos e quarenta e dois solitários, todos de virtude eminente, que haviam sido conduzidos de diferentes partes; e toda esta venerável tropa acudiu açodada a Estêvão, como a um mestre consumado no exercício da vida regular, para ouvir de sua boca saudáveis instruções. A todos instruía, convertendo-se o pretório em mosteiro por meio daquelas conferências espirituais. Depois de muitos meses, disseram um dia ao Imperador o que se passava no cárcere e a honra e veneração que com a direção do Santo se fazia nele às sagradas imagens: irritado o Imperador, mandou matar Estêvão. Acudiram os executores ao cárcere e, tendo o Santo saído ao ruído, lançaram-se sobre ele, arrojaram-no ao chão, tiraram-lhe as prisões e, atando-lhe fortemente umas correias a um dos pés, arrastaram-no com o modo mais inumano, mais cruel e mais indigno pelas ruas de Constantinopla. Ao chegar diante da igreja de São Teodoro mártir, quis Estêvão apoiar-se sobre as duas mãos para fazer ao Santo uma profunda reverência por último testemunho de sua terna veneração. Notou-o um dos verdugos, chamado Filomato, e gritou cheio de furor: «Não vedes como esse malvado quisera morrer mártir?» E, dizendo e fazendo, arrancou um grosso pau de uma bomba que servia para apagar os incêndios e lhe descarregou tão furioso golpe na cabeça que com efeito fez um mártir mais em nosso Santo. Crê-se que sua morte sucedeu o dia 28 de novembro do ano 766, aos cinquenta e três de sua idade.

São Guardo, Conhecido com o Nome de Famiano

Este glorioso confessor nasceu no ano 1090 em Colônia, cidade da Alemanha, de pais nobres chamados Godescalco e Giumera. No Batismo chamou-se Guardo: depois de sua morte é conhecido com o de Famiano; não se sabe se este nome o pôs ele mesmo para que não se soubesse quem era nem de onde. Dá motivo para suspeitar isto a variedade de sucessos de sua vida. Criaram-no seus pais santamente, saiu aproveitado em virtude e letras. Aos dezoito anos de sua idade, abrindo-lhe Deus os olhos para que conhecesse a burla do mundo e chamando-o a vida mais perfeita, deixou sua casa e sua pátria e foi em romaria visitar os sepulcros dos apóstolos São Pedro e São Paulo e outros santuários da Itália. Ao cabo de seis anos veio à Espanha visitar o corpo do apóstolo Santiago e na Galiza deteve-se três anos vivendo vida muito áspera sob a direção de um ancião muito exemplar que florescia naquela terra. Com acordo deste santo varão passou ao Oriente a visitar os sagrados Lugares da Palestina, de ali ao cabo de outros três anos voltou à Galiza, onde empreendeu vida solitária, escondido nos bosques, mantendo-se de ervas, negado a todo regalo e descanso e consolo humano.

Não se sabe quanto tempo viveu no deserto, senão que daqui passou a um mosteiro que pelos sinais era a casa de ermitãos que havia no bispado de Tui, entre o rio Minho e a vila de Baiona, dedicada aos santos Cosme e Damião. Ali floresceu este servo de Deus em toda virtude por espaço de vinte e cinco anos até o de 1142, em que passou a ser monge do mosteiro de Osera, sujeito já ao Císter, fundado no ano 1137 e dotado pelo imperador D. Afonso a petição do conde da Galiza D. Fernando. Vivia ainda García, primeiro abade desta casa, o qual com gozo recebeu nela este soldado tão bem disciplinado na milícia da perfeição evangélica. E, ainda que segundo a regra devia preceder à vida solitária a cenobítica, a acreditada virtude de Guardo mereceu que se lhe desse licença para viver em solidão numa capela de São Lourenço que havia à ribeira do Minho.

Depois de professo foi compelido a que se ordenasse de presbítero: outros dizem que já o era quando se fez monge. Então se sentiu movido a voltar à Itália. Apareceram-lhe os apóstolos São Pedro e São Paulo e lhe mandaram passar a Galese, cidade antes dos Faliscos e agora do patrimônio de São Pedro, junto ao rio Tibre, onde era vontade de Deus que acabasse sua vida. Fatigado da sede no caminho, feriu uma penha com o báculo e dela brotou uma fonte milagrosa que até hoje persevera. Depois que visitou a igreja daquela cidade, hospedou-se em casa de um homem ilustre chamado Áscaro, onde adoeceu a poucos dias e, oito antes de morrer, anunciou seu trânsito e foi cumprida sua profecia no dia 8 de agosto do ano 1150, aos sessenta de idade e quarenta e dois de peregrinação. Havia encarregado que o enterrassem fora da cidade junto à fonte. Obrou Deus grandes maravilhas por intercessão de seu servo, das quais assegurado o papa Adriano IV o canonizou aos quatro anos depois de sua morte. O ofício de São Famiano, aprovado em Roma para sua festa, imprimiu-o João Batista Solério.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Gregório, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Gregorii, confessoris tui atque pontificis, veneranda solemnitas et devotionem nobis augeat et salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Concedei-nos, ó Deus onipotente, que a solenidade do bem-aventurado Gregório, vosso confessor e pontífice, aumente em nós a devoção e a salvação. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do apóstolo São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 5,1-4

> **Latim:** [1] Omnis namque pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis : [2] qui condolere possit iis qui ignorant et errant : quoniam et ipse circumdatus est infirmitate : [3] et propterea debet, quemadmodum pro populo, ita etiam et pro semetipso offerre pro peccatis. [4] Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron.

Português: [1] PORQUE todo o pontífice assumpto d'entre os homens, he constituído a favor dos homens naquellas cousas, que tocão a Deos, para que offereça dons, e sacrificios pelos pecados: [2] o qual se possa condoer d'aquelles, que ignorão, e errão: por quanto elle tambem está cercado de enfermidade. [3] E por esta causa deve, tanto pelo povo, como tambem até por si mesmo, offerecer sacrificio pelos peccados. [4] E nenhum usurpa para si esta honra, senão o que he chamado por Deos, como Arão.

Reflexões

A honra que dão a Deus seus fiéis servos não está propriamente ligada nem à prosperidade, nem à adversidade, nem ao abatimento, nem à elevação dos que o servem, mas a usar bem de tudo o que sua divina vontade se dignar dispor a respeito deles. Não há estado, não há constituição que não seja teatro de virtude para os Santos; antes em todos fazem o mesmo bem, em todos encontram sempre meios, e meios muito seguros, para glorificá-lo. Não há condição que não os proporcione para ser santos, e por isso se acham muitos em todos os estados e condições. O pobre oficial, o cavaleiro, o lavrador, o soldado, o cidadão e o príncipe, todos acham em seus respectivos estados matéria para exercitar a paciência, para combater e para vencer as paixões, para praticar as virtudes mais heroicas, para sofrer e para merecer; porque não há estado em que não se possa e não se deva viver com arranjo às máximas do Evangelho. Não nascem da condição as dificuldades que se encontram para salvar-se: tanto estorva a abundância como a miséria, a prosperidade como a desgraça: todo o ponto consiste em saber aproveitar-se bem de tudo.

Como se fôssemos sedutores. Só no tribunal da ignorância, da inveja, da preocupação ou da conspiração podiam ser tratados como impostores os sagrados Apóstolos. Mas sua defesa correu a conta de Deus. Os maus-tratos que sofrem os que o servem se convertem em maior honra e glória sua. Não deve esperar o discípulo ser melhor tratado que o mestre.

Como dispostos a morrer, e não deixando de viver. Tal é a vida dos Santos: uma morte continuada, em que se consomem a si mesmos com o trabalho e com a penitência. Prontos sempre a oferecer a Deus o sacrifício de sua vida; mas muitas vezes dilata o Senhor aceitá-lo, ou para aumentar seu mérito ou para que sirvam mais longo tempo a sua glória. Não concebem os mundanos como é possível entregar-se ao rigor e à austeridade da virtude; mas o mesmo valor com que a abraçam os Santos os sustenta, e os mesmos trabalhos que lhes saem ao encontro parece que lhes acrescentam novas forças. Este é o segredo e a virtude da graça do Redentor. Como somos tão covardes, parece-nos que é uma mortal violência da carne o que é um rigor necessário para contê-la em seu dever e para que esteja sujeita ao espírito como é razão.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Marcos.

Marcos 13,33-37

> **Latim:** 33 Videte, vigilate, et orate : nescitis enim quando tempus sit. 34 Sicut homo qui peregre profectus reliquit domum suam, et dedit servis suis potestatem cujusque operis, et janitori præcepit ut vigilet, 35 vigilate ergo (nescitis enim quando dominus domus veniat : sero, an media nocte, an galli cantu, an mane), 36 ne, cum venerit repente, inveniat vos dormientes. 37 Quod autem vobis dico, omnibus dico : Vigilate.

Português: [33] Estai sobre aviso, vigiai, e orai: porque não sabeis quando chegará este tempo. [34] Assim como hum homem, que ausentando-se para longe, deixou a sua casa, e designou a cada hum de seus servos a obra que devia fazer, e mandou ao porteiro que estivesse de vigia. [35] Vigiai pois, (visto que não sabeis quando virá o senhor da casa; se de tarde, se á meia noite, se ao cantar do gallo, se pela manhã,) [36] para que não succeda que quando vier de repente, vos ache dormindo. [37] O que eu porém vos digo a vós, isso digo a todos: Vigiai.

Meditação

Do caminho que nos leva a Jesus Cristo

Primeiro ponto

Considera que ninguém vai ao Pai senão por Jesus Cristo e ninguém pode ir a Jesus Cristo se não renuncia a si mesmo, se não aborrece sua própria pessoa, se não leva sua cruz, mas sem arrastá-la. Este caminho que leva a Jesus Cristo parece estreito, espanta a muitos; mas que lhe havemos de fazer? Não há outro. Explicou-se o Salvador do mundo neste particular com tanta clareza que não admite interpretação. Ele é o caminho; qualquer outra vereda desvia do termo; mas para entrar neste caminho é preciso descarregar-se de tudo o que embaraça: como é tão estreito, não admite cargas nem bagagens. Declara-nos Jesus Cristo que, para ir atrás dele, é indispensável romper muitos laços: amor dos pais demasiadamente terno e absoluto; paixão desmedida a tudo o que queremos; renúncia total de nossos próprios interesses; abnegação de nós mesmos: nenhuma coisa se anuncia na sagrada Escritura com mais expressão, nenhuma se repete com maior frequência. Apela o amor-próprio de uma sentença tão decisiva; mas que caso se tem feito de sua apelação? Dezoito séculos há que o espírito, que o coração humano, de acordo com as paixões, estão apelando deste decreto; mas há porventura tribunal superior, nem ainda igual ao que pronunciou esta lei? Todas as heresias conspiraram contra a doutrina de Jesus Cristo. Ainda aquelas mesmas que na aparência gritaram mais e continuamente estão gritando contra o relaxamento, no fundo, na substância só intentam favorecer a concupiscência e deixar ao amor-próprio a suas anchas. Quantas queixas, a cada qual mais frívolas, não tem dado sempre o mundo contra esta imaginária severidade de Jesus Cristo! Que argumentos, a cada qual mais falsos, a cada qual mais inúteis, para eludir a universalidade da lei, para imaginar, para persuadir a certas gentes que estão dispensadas nela! Mas o oráculo é geral. *O que não toma sua cruz todos os dias não pode ser meu discípulo.* Os grandes do mundo, os nobres, as pessoas ricas, as mulheres profanas, todas são compreendidas no decreto. E, se não, que nos mostrem outra moral que se houvesse feito para elas: que nos digam se há alguém que as dispense desta lei, que autorize sua vida regalona, dissipada e divertida; que as defenda e as justifique, vivendo de um modo tão contrário ao que Jesus Cristo nos prescreveu. Se se salvassem essas pessoas que levam uma vida imortificada, deliciosa e inteiramente mundana, sem emendar-se dela, ou sem detestá-la de todo o seu coração antes de morrer, poder-se-ia dizer que se salvavam contra a expressa palavra do mesmo Jesus Cristo.

Segundo ponto

Considera que aquelas palavras do Salvador: *é mister aborrecer o pai, a mãe, a mulher, os irmãos e as irmãs*, não se entendem daquele ódio maligno que produz a inimizade. O que nos manda amar ainda os nossos maiores inimigos está muito longe de aconselhar-nos que aborreçamos nossos parentes mais próximos. Entende-se, pois, daquele amor de preferência que devemos professar a Deus; de sorte que, atentos unicamente a servi-lo e agradar-lhe, estejamos prontos a sacrificar tudo: parentes, amigos e nossa mesma vida antes que ofender a Deus. Tiago e João deixaram seu pai no barco para seguir Cristo. O mesmo divino Salvador não permitiu que fosse enterrar seu pai um jovem a quem chamou. Conformando-se com esta doutrina de Jesus Cristo, tudo abandonaram os Santos, de tudo se despojaram por segui-lo, e no dia de hoje estão fazendo o mesmo sacrifício tantas pessoas religiosas. É muita desgraça, depois de haver posto a mão ao arado, voltar a olhar atrás. Obedecerão a este preceito aquelas pessoas que até no claustro estão fomentando o desordenado amor a seus parentes? Aqueles religiosos que estão como embebidos no espírito da carne e sangue seguirão esta doutrina? Pois sem este despojo, sem este desapego, não há discípulos de Jesus Cristo. Não é menos indispensavelmente necessária a renúncia de si mesmo; mas esta usa-se muito no dia de hoje? Ah! Que todo o mundo busca seu interesse; o grande móvel das ações humanas é o amor-próprio; nem os que se aparentam mais devotos são sempre os maiores inimigos de si mesmos. Cada um se busca a si próprio em quase tudo. Pois não nos admiremos já de que hoje se veja no mundo, e ainda no estado religioso, tão pouquinho de virtude sólida, castiça, perfeita e verdadeira; de que se encontrem tão poucos discípulos legítimos de Jesus Cristo. É mister seguir este Senhor em tudo e por tudo; mas entretanto só se escuta a voz da carne e do sangue. É indispensável aborrecer-se a si mesmo, mortificar os sentidos, levar sua cruz. Parece-te de boa-fé que segues esta doutrina?

Meu Deus! Que conduta é a nossa? Ouvimos, recebemos como oráculos as palavras de Jesus Cristo; com tudo isso não são elas a regra de nossos costumes: estes são muito opostos a sua doutrina, e sem embargo vivemos como amodorrados numa profunda segurança!

Reconheço, Senhor, sinto e palpo por vossa infinita misericórdia minhas ilusões e meu erro. Fazei que me aproveite deste conhecimento e que, estando convencido, como o estou, da verdade de vossa doutrina e da santidade de vossa moral, seja esta daqui em diante a única regra de todas as minhas operações.

Jaculatórias

Dignai-vos, Senhor, de fazer que caminhe sempre pela regra de vossos preceitos. (Sl 118.)

Ah Senhor! A quem iremos? Vossas palavras são de vida eterna. (Jo 6.)

Propósitos

1. Quando só há um caminho para chegar ao termo aonde se quer ir, é necedade deter-se em consultar que caminho se há de escolher. Não há mais que uma fé e uma doutrina em nossa Religião, não há nem pode haver mais que uma moral, que é a do Evangelho: este é o único caminho para o céu, não há outro. Será grande extravagância, será insigne loucura buscá-lo. Sincero desapego de todos os bens criados, desprendimento da carne e sangue, vitória das paixões, ódio santo de si mesmo: este é o único caminho que guia à salvação. Segues-o tu? Pois está certo que qualquer outra vereda te desvia dela. *Há um caminho que ao homem lhe parece direito*, diz o Sábio, *e seu paradeiro é a morte.* Buscas acaso confessores largos e contemplativos? Buscas porventura moral e opiniões laxas? Se não buscas isto, que motivo tens para preferir esse confessor a outro? Não será acaso porque não te acomoda o prudente rigor deste e se acha melhor teu amor-próprio, tua imortificação e tua covardia com a indulgência daquele? Que compaixão, ou por melhor dizer, que insigne loucura buscar de propósito uma guia para descaminhar-se! Examina os verdadeiros motivos que tens para proceder desta maneira; olha que o negócio é de suma importância e arrisca-se muito em expô-lo a contingências.

2. Dizes que buscas a Deus, mas reflete bem se buscas a Deus verdadeiramente nesse emprego, nesse estudo, nesse negócio, nessas diversões; se buscas puramente a Deus nas funções de teu ofício, nos exercícios de teu zelo, nos de teu sagrado ministério. Não buscarás acaso teus próprios interesses? Não te buscarás a ti mesmo? Estás consagrado a Deus no estado eclesiástico ou no religioso; mas dize-me, não serves ainda ao mundo? Não estás ainda muito apegado a teus parentes? Lembra-te do que disse Jesus Cristo: que em vão te lisonjeias de ser discípulo seu se ainda tens apego à carne e sangue. Não se te passe o dia sem solicitar uma pronta e sincera reforma em todos estes pontos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:15 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:15 by Admin